

A seriedade do Humor ao longo dos séculos: uma retórica do poder político ou de um contra-poder?

The seriousness of humour throughout the centuries: a rhetoric of political power or counter-power?

ANA ISABEL CORREIA MARTINS¹ (*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra – Portugal*)

Abstract: Although Plato was the first theorist of humor, it was Cicero who first attempted a categorization of humoristic discourse which has subsequently been adapted by many authors who have claimed the superiority of humor as a strategy of social correction and regulation. *Ridendo castigat mores*, stated Voltaire, following Horace: *ridentem dicere verum*. European humanists have reassessed *risus*, viewing it not only as an intrinsic attribute of *humanitas*, but also recognizing its social function in equating the complexities of the *homo ludens*. Contemporary theories have formulated maxims of humoristic inter-locution by exploring the semantic and pragmatic communication strategies, including “*la mécanique de l’absurde*” and “*le jeu sémantique*”.

Keywords: Humanistic rhetoric; European Humanism; political humour; Cicero; *facetiae*.

0. Introdução: o Humor na interdisciplinaridade da dimensão humana

*Après tant de siècles et tant de travaux, il faut bien
constater que le rire résiste à tout essai d’explication
d’ensemble et se moque de tous ceux
qui croient en avoir déterminé les causes*

Jean Sarrailh

Invoquemos como mote a citação de Franck Evrard falando sobre Humor: “sa variété de degrés, de procédés, de thèmes en font un phénomène difficile à localiser et à définir²”. Esta ideia de complexidade, diversidade e interdisciplinaridade do Humor espelha e comprova a natureza também plural e multifacetada do Homem³. Afinal, *sapiens* é aquele que não se levando demasiado a sério sabe rir de si mesmo de forma

Texto recebido em 30.07.2014 e aceite para publicação em 30.09.2014.

¹ anitaamicitia@hotmail.com.

² “A sua variedade de graus, de procedimentos, de temas, torna-o um fenómeno difícil de localizar e de definir”, EVRARD (1996) 4.

³ Para a definição do conceito de Humor vide em BALDENSPERGER (1910) 176-222.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 17 (2015) 323-346 — ISSN: 0874-5498

dessassombrada e despreconceituosa e, simultaneamente, sabe desconstruir e relativizar a realidade, como dizia Voltaire *ridendo castigat mores* na esteira horaciana: *ridentem dicere verum*.

O Humor é, por isso, um campo reivindicado, interdisciplinarmente, pela Literatura⁴, Filosofia⁵, pela História⁶, pela Semântica⁷, Pragmática⁸, pela Antropologia⁹, pela Sociolinguística e Sociologia¹⁰, pela Psicolinguística¹¹, pela Publicidade¹², e claro, pela Retórica¹³. Importa referir que todas estas áreas, em vários momentos históricos, penderam para a aceitação de uma 'ontologia do humor', tratando-o como um fenómeno transcultural e ahistórico quando, na verdade, é um processo culturalmente bem demarcado e fruto de um contexto histórico circunscrito. Por todas estas razões, é surpreendente constatar que a teorização sobre Humor Político é parca e residual, não no que diz respeito ao Humor feito pelos agentes governativos, enquanto política de auto-promoção — nesse ponto os EUA são prolixos nos estudos sobre o riso em discursos eleitorais — mas falamos mais concretamente daquele Humor que tem voz pelos agentes ditos neutros ou marginais ao sistema, que se posicionam no foco da denúncia, à contra luz e à revelia de determinadas acções políticas. Talvez seja este o lado sério da questão.

O discurso humorístico legitima-se enquanto instrumento estratégico de fuga de um mundo real que suscita medo, desorientação e revolta mas também enquanto processo supletivo de domínio e controlo dessa mesma realidade humana e social. Nesta dinâmica e compreensivelmente, o Humor e a Política fortificam-se um no outro e comungam dos mesmos expedientes retórico-argumentativos. Sabemos também que momentos histórico-polí-

⁴ MOURA (2010).

⁵ MORREALL (1987).

⁶ BREMMER; RODENBUR (1977).

⁷ RASKIN (1985).

⁸ BERGSON (1955); BORDIEU (2005).

⁹ APTE (1985).

¹⁰ ZIJDERVELD (1983) 1-103.

¹¹ CHARAUDEAU (1983).

¹² SPECK (1987).

¹³ JOHNSTONE (2008).

ticos controversos e conturbados são sempre um *humus* fértil à sátira, à crítica mordaz, acendem e aguçam a ironia e o humor. Por essa razão, o ambiente político-social em que hoje vivemos, exige do Humor a problematização, aparentemente descomprometida de seriedade mas insistente na descoberta de alternativas, na denúncia e na revelação dos vícios do sistema. Como instrumento democrático, o Humor reclama essa sua liberdade de expressão, tendo espaço assumido e consentido na literatura, televisão, nos jornais, na rádio — e em várias mundividências semióticas ao nosso alcance. Para o presente estudo colocamos as seguintes questões catalisadoras:

(ao nível da *res*)

- i) Haverá limites para a liberdade do Humor Político?
- ii) Será que o Humor sempre recorreu a *topoi* socio-políticos?
- iii) Quais são os acontecimentos que alimentam preferencialmente este género retórico-discursivo?
- iv) Sendo um fenómeno inerente à interacção social, será que o *homo ludens* sempre se riu dos mesmos acontecimentos?

(ao nível dos *uerba*)

- v) Quais são os expedientes retóricos subjacentes ao Discurso Humorístico, isto é, quais as máximas pragmático-discursivas utilizadas e subvertidas nesse processo?
- vi) Como se define a eficácia do Humor relativamente às funções retóricas de *docere, delectare, mouere*?
- vii) Como se define e caracteriza o género humorístico na sua estrutura formal?

I. A concepção histórico-semântica de ironia, sarcasmo e humor

C'est une sorte de moquerie où au lieu d'afficher sa réprobation on a l'air de tenir un langage élogieuse. Les orateurs en usent.
Henri Hilgard

1.1. A génese e a origem do *risus* e da *facetia*

A Literatura é unânime em considerar Platão o primeiro teórico do Humor, tendo apresentado, pela primeira vez na *República*, o conceito de *eu-*

trapelia (ἐντραπελία) referindo-se ao divertimento linguístico. O discurso satírico consistia num sentimento algo dúbio, que operava em concomitância na alma entre o prazer e a dor, uma percepção já explícita nos seus *Diálogos Socráticos* e que passava pela condenação moral tanto do que é risível como daquele que ri (*Filebo* 48c 50b). Platão imprime, desde logo, um teor ético ao Humor na medida em que discute a natureza ilusória do prazer do riso. Reconhecemos aqui a génese de um visão politizada em relação ao fenómeno, pois para Platão os prazeres do riso não são condenáveis *per se* mas antes por constituírem um afastamento e uma alienação da realidade. Ainda na *República*, o autor afirma que os guardiães do estado ideal não deveriam ceder ao impulso da troça porque o riso desencadeia e exacerba reacções irracionais.

A reflexão aristotélica em torno das técnicas do discurso satírico está presente no segundo livro da *Poética*, no qual o autor faz sobressair a teoria de superioridade e o princípio estético¹⁴. A *eutrapelia* de Aristóteles, referida como equivalente de *comitas*, *dexteritas*, *festivitas*, *facetia*, era oportuna em momentos de descontração e banquetes, devendo ser sempre evitada a *bomolokia* ou *scurrilitas*, o exagero e obscenidade que atentassem contra o decoro e os preceitos sociais. Ainda na *Rhetorica*, o autor faz a apologia do humor e da ironia enquanto expedientes argumentativos necessários a qualquer orador, devendo este apenas evitar piadas inconvenientes (*Rhetorica III 18, 1419b*). Desta forma, a exploração lexico-semântica, através da troca de palavras em jogos linguísticos diversificados são instrumentos desejáveis ao cómico e à eloquência. A única distinção de ordem ética estabelecida por Aristóteles é no que concerne a distinção de ironia (*ἐπιπνεΐα*) e de chalaça ou galhofa, dita piada fácil — *βωμολοχία* — (*Retórica III, 18, 1419b et sq.*). Designavam-se por *eutrapeloi* aqueles que observavam o *modus operandi* do cómico e que o exploravam em qualquer circunstância na qual fosse possível promover a gargalhada. Ainda na *Rhetorica*, Aristóteles vai dirimir a questão dizendo que algumas piadas são feitas elegantemente por senhores, outras nem tanto e que apenas a ironia beneficia da elegância do orador, não uma qualquer *buffonaria*. Um indivíduo irónico serve-se com

¹⁴ ATTARDO (1994).

inteligência desse expediente para se divertir de si mesmo, o *buffon* apenas para troçar de outras pessoas¹⁵.

Apesar dos importantes e embrionários contributos platónico e aristotélico, foi Cícero quem apresentou a primeira tentativa de categorização sistematizada do discurso humorístico e da *facetia* — a partir da distinção entre humor verbal — no qual contemplava a ambiguidade (*ambigua*), paronomásia (*paruum uerbi immutationem*), falsas etimologias (*interpretatio nominis*) provérbio, alegoria, metáfora (*ad uerbum non ad sententiam rem accipere*), ironia e polissemia (*ex inversione uerborum*) — e humor referencial — integrando a anedota (*fabella*) e a caricatura (*imitatio*). Esta distinção foi otimizada, posteriormente, em várias outras dialécticas por muitos outros estudiosos da nossa era: “referencial vs semântica”¹⁶; “prosaico vs poético”¹⁷; “palavras precisas vs trocadilhos”¹⁸.

A reflexão em torno do risível é desenvolvida no *De Oratore*, *Orator*, e *De Officiis* e, neste último em particular, Cícero refina a relação entre riso e decoro, já que o fenómeno deve sempre estar circunscrito nos limites da respeitabilidade dos códigos sociais. Nesse sentido, o humor aceitável é todo aquele que vier dotado conjuntamente de *elegantia*, *urbanitas*, *ingenium*, *facetia* em oposição à *petulantia*, *flagitium*, *obscentitas*. No livro II do *De Oratore*, Cícero fala principalmente através da personagem de Júlio César Estrabão, que é apresentado como um orador experiente, mestre no uso do *ridiculum*. É ele quem introduz as perguntas que norteiam a investigação de Cícero sobre a questão:

Ac ne diutius uos demorer, de omni isto genere quid sentiam perbreuiter exponam. De risu quinque sunt, quae quaerantur: unum, quid sit; alterum, unde sit; tertium, sitne oratoris risum uelle mouere; quartum, quatenus; quintum, quae sint genera ridiculi. (De oratore. II, 235)

E para não vos demorar por muito tempo, exporei muito sucintamente aquilo que penso a respeito deste assunto. A respeito do riso há cinco coisas que devem ser perguntadas. Primeira: o que é o riso; segunda: onde é encontrado; terceira: se é próprio

¹⁵ FLASHAR (1997) 59-70.

¹⁶ MORIN (1986).

¹⁷ AGARD (1983).

¹⁸ GUIRAUD (1972).

do orador querer provocar o riso; quarta: até que ponto o orador pode utilizá-lo; quinta: quais são os géneros do riso.

De facto, todo o *sal* do dito mordaz reside na distorção da verdade e do significado natural das palavras. Ainda que Cícero e Quintiliano traduzam o termo grego *εἰρωνεία* com diferentes significados — *dissimulatio* e *illusio*, respectivamente —, ambos parecem estar em uníssono quanto à definição de ironia, que dita que as palavras sejam interpretadas ao contrário do que parecem significar¹⁹.

Fiel ao projecto de enriquecimento da língua latina, Cícero alarga o campo sémico de *facetia* e utiliza como equivalentes: *dissimulatio* (*De oratore* II, 269, 270, 272, 289; III, 203²⁰), *extenuatio*, *illusio* (*Brutus*, 292), *lepos*, *sal*, *comitas*, *urbanitas* (*De Oratore* 1.17), *dicacitas* e *cauillatio*²¹ com sentidos próximos aos da ironia e do sarcasmo:

*Cum duo genera sint facetiarum [...] illa a veteribus superior cauillatio haec altera dicacitas nominata est*²².

Cícero binariza ainda o fenómeno quanto às suas limitações: a piada não deve incidir sobre crimes ou azares porque abona em descrédito do orador; por outro lado, é importante focar-se em irregularidades sociais e características físicas, um caudal fértil à sátira e ao riso.

O orador deve ainda precaver-se de determinados perigos como a caricatura (*imitatio depravata*) e as piadas rústicas (*sannio*) para que não se aproxime da imagem de *mimus* e de *ethopoios*, meros parodistas. Pertencentes a uma classe social demarcada de estrangeiros ou de escravos ou ainda de homens libertos, o *mimus*, o *ethopoios* e o *sannio* apenas tinham funções de entretenimento rápido e fácil. Cícero e Quintiliano chamaram a atenção para o facto das técnicas do cómico poderem ser similares entre uns

¹⁹ cf. *Inst. Orat.* VI, 2, 15 e vide Auguste HAURY (1955) 21.

²⁰ “*Vrbana etiam dissimulatio est, quom alia dicuntur ac sentias, non illo genere de quo ante dixi, quom contraria dicas, ut Lamiae Crassus, sed quom toto genere orationis seuere ludas quom aliter sentias ac loquare*”.

²¹ “*Etenim quom duo genera sint facetiarum alterum aequalibiter in omni sermone fusum alterum peracutum et breue, illa a ueteribus superior cauillatio, haec altera didacitas nominata est*”, Cic. *De Oratore* II 218.

²² Cic. *De Oratore*, 2, 54, 218.

e outros mas há que reconhecer uma inevitável separação ética: deve-se explorar um desvio ou deformação mas nunca de forma vergonhosa, indigna ou ofensiva²³. A desgraça advém de um desvio social e a função do humor é denunciar, corrigir e regular esse mesmo desvio, num caminho de reconhecimento e correcção e reconstrução sociais.

Poderemos em traços largos distinguir Humor e Ironia da seguinte forma: são ambas duas espécies de alegorias aliadas a um carácter jocoso, sendo que o primeiro tece-se numa relação simétrica e a segunda numa relação assimétrica. A Ironia revela essa superioridade, toca no absurdo, exhibe um elevado grau de abstracção e constrói uma certa tensão na lógica argumentativa e na dialéctica sem resolução. O Humor pode ser visto como uma auto-ironia, próxima da simpatia, exprimindo duas tendências profundas e complementares do espírito humano, acompanhado de um discurso paradoxal, com a suspensão prolongada de um julgamento ou juízo de valor, dotado de linguagem imagética e afectiva²⁴. As funções retóricas cumprem-se em ambas pela satisfação estética, nos enigmas, imagens, tropos e comparações — *delectare* — pela desconstrução que leva ao raciocínio heurístico e hermenêutico — *mouere* — e na transmissão subreptícia de uma informação — *docere*: “*facetiis autem maxime homines delectari, si quando risus conjuncte re verboque moveatur*”²⁵. Fritz Graf afirma a este respeito:

*the role of humour: direct, unmitigated censure between the members of the same class, haughty and class-conscious as they were, would have been unthinkable, not only for a homo novus; but a witty remark takes the sting out of it. And it explains the limits imposed: there is social deviance which is so serious that wit is not a sufficient corrective, and thus a witty remark would seem to take it too lightly. Firm knowledge of the social norms imposes the limits on wit and humour.*²⁶

²³ Cic., *De Oratore*, 2.236: “*haec ridentur quae notant et designant turpitudinem aliquam non turpiter*”.

²⁴ GRANT (1924).

²⁵ Cic. *De oratore*, 2, 61, 248.

²⁶ “O papel do humor: directo, censura desassombrada entre membros da mesma classe, altivo e com a consciência da classe como ela é e não apenas da definição de um homem novo; mas um comentário espirituoso revela a sua acutilância e explica os limites impostos: pois não há desvio social que seja tão sério que uma piada não seja correctiva o suficiente e que não torne mais evidente a situação. No entanto, um conhecimento firme das normas sociais impõem limites no humor”, GRAF (2005).

Para Cícero, a retórica do Humor é encarada enquanto instrumento de censura dentro do mesmo grupo social e na esteira da máxima horaciana: *ridentem dicere verum*. Horácio defende nas suas Sátiras (I, I, 24) a artimanha do riso no ofício de se dizer a verdade, o mesmo sentido que encontramos em Quintiliano (*De risu*, capítulo III do sexto livro da *Institutio Oratoria*²⁷). O orador precisa ter um certo encanto (*lepos*), sentido de humor (*facetia*), a habilidade de responder e retorquir rápida e sucintamente com ponderada destreza (*subtilis uenustas*) e, claro, uma certa graça (*urbanitas*)²⁸. P. M. Zall reconhece a importância do legado ciceroniano ao afigurá-lo como a gênese das teorizações que se seguiram nos séculos vindouros:

*Cicero's speakers comments on persuasive laughter would be important to later thinking about the art of being a witty man, a uir facetus, as well as about the utility of jests, the inappropriateness of laughing at true wickedness or true wretchedness, the dangers of mere buffoonery, the opportunity for performance, the need for tact, the pleasure of puns, the value of plausibility and the effectiveness of irony and of unexpected reversals*²⁹.

1.2 O Renascimento do Humor no Humanismo Europeu: *homo ludens et homo facetus*

*Dedit rationem dedit orationem dedit lachrymas dedit risus,
affectuum signa latentium.*
Petrarca, *De remediis*, II, 93

Continuemos a olhar diacronicamente para a evolução e variação do fenómeno humorístico, interpretando de que forma a teorização clássica foi acolhida e rentabilizada durante os séculos XIV, XV e XVI, no Humanismo Europeu.

Muitos humanistas alemães, holandeses, franceses, ingleses e italianos dedicaram-se, laboriosamente, à empresa de compilar *Collectiones Facetiae* a par do género de Literatura Sentenciosa e apotegmática, revitalizada e tão

²⁷ “*Vrbanus homo erit, erimus multa bene dicta responsaque erunt, et qui in sermonibus circulis, conuiuiis, item in contionibus, omni denique loco ridicule commodeque dicet. Risus erunt, quicumque haec faciet orator*”, Quintiliano, *Instit. Orat.* VI 3, 105.

²⁸ “*Accedat eodem oportet lepos quidam facetiaeque et eruditio libero digna celeritasque et breuitas et respondendi et lacessendi subtili uenustate atque urbanitate coniuncta*”, Cic. *De Oratore* 1.17.

²⁹ ZALL (1963) 343-359; vide a propósito LUCK (1958) 409-429.

acarinhada neste período³⁰. O Renascimento assume como principal ideal o de conhecer e aprofundar todas as forças intelectuais e morais do Homem, num esforço constante de realização de um ideal cívico e político na sociedade: *homo eloquens et homo politicus*³¹.

Desde 1344 com a recontextualização da *facetia* clássica — inspirada em Cícero e Quintiliano — até 1528 com Castiglione, todas estas colecções satíricas e jocosas exibiram diferentes propósitos e características também elas diversificadas, revelando que nem sempre é fácil circunscrever o processo humorístico nos seus limites e cenários:

*Facetiae overlap short stories, they also overlap apophthegms (since witty sayings are often the mark of the wise prince), fables (since many fables are humorous stories, well before La Fontaine), sermon exempla (frequently comic) [...] Facetiae are by no means an easily identifiable literary genre. In theory, a facetia is essentially a verbal witticism or one-liner, and hence distinguishable from related genres like the fully-developed anecdote, the wise saying or the practical joke*³².

Torna-se pertinente lançar um olhar cimeiro sobre algumas dessas antologias de *facetia* analisando os seus principais traços diferenciadores. Começemos pelo pai do humanismo, Francesco Petrarca que nos apresenta o *Rerum memorandarum libri II*, no qual se reconhece a influência directa de *Valerius Maximus* e do seu *Factorum dictorumque memorabilium libri novem* com muitas outras referências a obras de Macróbio (*Saturnalia*) — recuperado a partir de Plutarco nas *Quaet. Conv.* — Suetónio (*Vidas*) ou até mesmo de Cícero (*De oratore*). O pai do humanismo segue a divisão estabelecida por Valério Máximo quanto às anedotas: *Romana* e *Externa*: “although his two sections are essentially a joke anthology in the symposium tradition exemplified by Petrarch and Macrobius, he is also familiar with the rhetorical tradition which, beginning with Cicero and

³⁰ MOSS (2002); SOARES (1993) 377-410; SOARES (1990) 121-155.

³¹ SOARES (1998) 69-74.

³² “*Facetiae* coincidem com o conceito de histórias breves, coincidem também com apoftegmas (na medida em que comentários humorísticos são manifestação de um príncipe inteligente), fábulas (na medida em que muitas fábulas são histórias humorísticas, muito antes de La Fontaine), sermon exempla [...] *Facetia* não é um conceito facilmente definível num género literário. Em teoria, a *facetia* é essencialmente um humor verbal”, BOWEN (2004) 2.

much expanded by Quintilian, attempted to classify rhetorically the humor suitable for the orator³³.

Com a primeira geração italiana, a palavra *facetia* ressurgiu de forma expressiva, vejam-se as traduções do humanista Poggio Bracciolini (1380-1459), erudito, filósofo, humanista e homem comprometido com a política, chanceler da República de Florença de 1453 a 1458, cujo mérito foi reconhecido por Coluccio Salutati, que lhe terá escrito uma carta de recomendação para a Cúria Romana³⁴. As traduções das suas *Facetiae* — conjunto de anedotas cómicas — coligidas no final do século XV por Guillaume Tardif, recuperaram o uso do étimo, referindo-se a colecções de histórias e citações. No *praefatio* da obra “*Ne aemuli carpant Facietiarum opus propter eloquentiae tenuitatem*”, o autor reforça a desconstracção, o deleite e o valor estilístico das *facetiae*.

Antonio Beccadelli (conhecido por Panormita) apresenta a sua antologia *De dictis et factis Alphonsi regis Aragonum libri quatuor*, impressa em Pisa em 1485 e reeditada em Basel, em 1538 com comentários de Aeneas Sylvius Piccolomini. Esta obra não consiste numa colecção de piadas ou comentários jocosos, é antes uma biografia anedótica cujo objectivo é idealizar o retrato de Afonso, o Magnânimo, baseado no retrato de Augusto em Suetónio e Macróbio³⁵.

Mesmo as colecções em vernáculo de vários humanistas seja a de Lodovico Carbone (1430-1485) — *Cento trenta novelle o facetiae* — seja a do cunhado de Thomas More, John Rastell — *A hundred mery talys* (1526) ou *Tales and quick answers* (1532) — acolheram muitas piadas de autores latinos, clássicos e modernos como Cícero, Macróbio, Valério Máximo, Poggio Bracciolini e Erasmo, aliadas a este intuito de retratar pela ironia e pelo *contra-exemplum* o Príncipe Ideal, tendência da literatura e da historiografia

³³ “apesar desta divisão em duas secções a obra é essencialmente uma antologia de piadas numa tradição de *symposium* demarcada por Petrarca e Macróbio, ele está também familiarizado com a tradição retórica, começando por Cícero e Quintiliano, visando classificar retoricamente o humor desejável a um orador”, BOWEN, (2004) 139.

³⁴ BRACCIOLINI (1538) 420-91.

³⁵ Vide a propósito BOWEN (1984) 137-48.

renascentistas³⁶. Os *collectores* revelam a sua preferência pelo *De Oratore* de Cícero, pela *Institutio Oratoria* de Quintiliano — com recurso à sátira nas suas invocações políticas — pelos *Saturnalia* de Macróbio — que se aproximam do *Convivium fabulosum* de Erasmo — ou ainda por Aulo Gélcio nas suas *Noites Áticas*³⁷.

Desiderius Erasmus, com o seu *Convivium fabulosum*, reúne numa antologia dez piadas, com nove personagens cujos nomes são alusivos ao riso — *Gelasinus, Eutrapelus, Asteus*³⁸. Os diálogos incluem referências pessoais e alguns apontamentos ao Príncipe Ideal sendo as *ridiculae fabulae* o seu ponto central. Erasmo assim como Pontano considerava a *festivitas* algo essencial ao perfil de um bom humanista.

Baldesar Castiglione com o seu *Il libro del Cortegiano*, modelado à luz do *De oratore* de Cícero, inclui discursos jocosos baseados nas cinco categorias ciceronianas de retórica. Ao longo das suas noventa e três piadas, o autor ilustra, detalhadamente, a teoria e os recursos do humor começando pela binarização conhecida entre *cavillatio* — *urbana e piacevole narrazion continuata* — e *dicacitas* — *subita ed arguta prontezza*. A estas Castiglione acrescenta ainda uma terceira categoria, *burle* ou piadas práticas, que Cícero provavelmente teria dificuldade em aceitar. A sua narrativa divide-se em três partes: “il recitar com bona grazia alcuni difetti d'altri”; “certe affettazioni estreme” e “una grande e bem composta bugia”. O seu interesse detinha-se em particular na secção “pronta acutezza”, que subdivide o riso em trinta e cinco técnicas, ilustradas por piadas de Cícero, Poggio, Pontano entre outros³⁹.

Muito mais tarde, a partir de Émile Littré define-se a facétia como algo nas intermitências da brincadeira e da *buffonerie*. No entanto, o sentido de deleite e prazer já cunhado por Quintiliano passara a ser intrínseco ao fenómeno, explorando-se agora a sua etimologia por analogia ao verbo *facere*, como assinalou Giovanni Pontano (1426-1503) no seu *De sermone*⁴⁰.

³⁶ BOWEN (1986) 1-15, 263-275; SOARES (1994).

³⁷ BOWEN (1988).

³⁸ HALKIN *et alii* (1972).

³⁹ GRUDIN (1969) 497-529.

⁴⁰ PONTANO (1954)

Assim *facetus* poderia querer dizer 'bem feito' com um duplo sentido de elegância linguística, por um lado, e de prazer por outro. Esta binarização do Humor, decalcada no molde ciceroniano, distinguia o humor integrante do discurso, enquanto gracejo, zombaria — *cauillatio* — e pequenos apontamentos mordazes isolados — *dicacitas* — e a tipologia também clássica entre humor verbal (*uerba*) e humor referencial (*res*).

A obra de Pontano é a única que revela uma elaborada teoria sobre o género, e colige, ao longo dos seus seis livros, mais de 200 piadas com ilustrações. Muitas das referências são clássicas, a partir de Plauto ou Marcial, de Cícero ou Quintiliano mas muitas também são modernas como as alusivas a Poggio ou Panormita. A sua palavra-chave é *facetior*, na acepção aristotélica de acção virtuosa, entre *scurrilitas* e *rusticitas*, dando forma a um género espirituoso do qual a *urbanitas* é apenas uma espécie — aqui discordando claramente de Quintiliano — e reiterando a função de *relaxio animi*⁴¹.

As *Facetiae* (1512) de Heinrich Bebel revelaram-se as colecções renascentistas mais populares depois das de Poggio, com 441 anedotas breves e outras tantas fábulas, colectânea dividida por três tomos, o primeiro dos quais impresso em 1508. Bebel (1472-1518) foi um conhecido humanista alemão como Pontano terá sido em Itália, ambos próximos na forma como avaliam a *facetia* enquanto componente indissociável da *humanitas*. Muitas das edições que vieram a lume durante o século XVI exibiram uma longa selecção das *facetiae* de Panormita⁴².

O médico e escritor francês F. Rabelais deixou-nos, igualmente, um legado incontornável para o estudo do processo humorístico com as suas obras Pantagruel e Gargântua, que exploravam lendas populares, segundo um escatologismo de sátira e condenação através da exuberância e criatividade do riso — *salsum acumen* — no jogo de ambiguidade metonímica⁴³.

Ao longo dos séculos XV e XVI podemos identificar três tipos de discursos jocosos: i) os que exploram a polissemia (a *ambiguitas* ciceroniana); ii) os que rentabilizam as figuras retóricas e tropos, em particular, a metá-

⁴¹ LUCK (1958) 107-21.

⁴² LEFEBVRE (1978) 36-40.

⁴³ DEMERSON (1994).

fora e metonímia; iii) o último tipo fundado na lógica de contratempo e de entimema (silogismos com premissas subentendidas)⁴⁴. Segundo confirma Henri Weber:

*la facétie comme genre, implique toujours, d'une part un rapport direct entre le rapporteur de la facétie et le public auquel il s'adresse oralement ou par écrit, mais aussi l'attribution d'un bon mot, d'une réplique plaisante ou d'un bon tour à un personnage historique ou mythique qui est un intermédiaire nécessaire entre le conteur et son public. Il n'y a pas grand chose à ajouter aux analyses des mécanismes linguistiques du bon mot ou de la réplique que Cicéron nous a données au I^{er} livre du De Oratore*⁴⁵.

O Humanismo renascentista privilegiou o *genus sententiarum* na gênese e criação literárias, a *multiplex imitatio* numa *ars combinatoria* enquanto método filológico na selecção e *dispositio* do legado epistémico e nesta mundividência surgem associadas colectâneas e manuais enciclopédicos de teor humorístico-satírico. Apesar das flutuações léxico semânticas dos termos — *sententia*, apoftegma, provérbio, cria, adágio, provérbio, aforismo, *gnome*, axioma — são estes os instrumentos intertextuais manuseados pelos humanistas e podemos, inclusivamente, afirmar que o provérbio teve a sua origem na facétia, construída como uma anedota e até solução para um enigma⁴⁶. Barbara Bowen sublinha que o género da facétia mescla-se a partir do fim do século XVI com o género apotegmático⁴⁷. Na verdade, todos estes expedientes filológicos activam virtualidades mnemónicas e concertam funções várias, tanto de divertimento, de didactismo, de pedagogia e até a função documental e criativa. Quanto à sua *res*, a facétia assume um cariz

⁴⁴ PRESCOTT (1999) 284-291.

⁴⁵ “a facétia como género, implica sempre uma relação articulada entre o emissor do enunciado e o público receptor, seja por registo escrito ou oral, mas exige também a adequação e pertinência de uma boa palavra, de uma réplica agradável, uma personagem histórica ou mítica, que seja um intermediário necessário entre o narrador e o público. Pouco haverá a acrescentar às análises dos mecanismos linguísticos que Cícero nos oferece no seu livro *De Oratore*”, WEBER (1977) 28.

⁴⁶ KIÉS (2014) 99-118.

⁴⁷ “J'avais réussi à compiler une liste chronologique des recueils de facéties, de Pétrarque à Castiglione. Mais j'ai renoncé à continuer la liste, car il m'avait paru qu'à partir de la publication des *Apophthemata* d'Érasme on ne peut plus distinguer entre *sententia et facétia*”, BOWEN (1993) 233

satírico, contestatário, lúdico mas sempre associada, no humanismo, à liberdade de um espírito que desafiou as distinções sociais e certos aspectos da moral tradicional. Henri Weber continua dizendo o seguinte:

Contre le respect des autorités politiques, intellectuelles ou théologiques, le Pogge réclame la liberté de tout dire. Il est l'héritier du libre esprit de républiques italiennes, en particulier de la république florentine, avant la consolidation du principat des Médicis. On retrouve quelquefois, plus rudement exprimé, ce libre esprit dans les recueils de "motti" les plus anciens, en particulier celui du manuscrit Magliabecchi. Chez Bebel, il correspond à la période heureuse de l'humanisme allemand avant les luttes de la Réforme. De là, une sorte d'équilibre entre le jeu gratuit de la facétie et certaines attaques satiriques contre les religieux, les pédants, les ignorants ou les riches voleurs, entre les facéties empruntées du Pogge et à la tradition italienne et celles où sont mis en scène les paysans souabes et les marchands allemands avec un recours à la tradition autochtone⁴⁸.

A matriz filológica dos humanistas radica nas discussões dialécticas sobre as complexidades do Homem e mantém-se fiel e coerente ao ideal do género humorístico, veja-se Isaac Casaubon (1559-1614) que reforça a seguinte ideia: "the soul of satire is the persecution of vice and exhortation to virtue, to the achieving of which ends it uses humor and jesting like a weapon⁴⁹".

Por outro lado, Erasmo e Thomas More incidiram numa dimensão mais pedagógica do espírito jocoso e desenvolveram todas as suas formas de Humor e Ironia na *Utopia* e no *Elogio da Loucura*, respectivamente. Para estes dois humanistas os conceitos adjectivados de *festivus*, *urbanus*, *facetus*, não são apenas epítetos para piadas mas importantes atributos para um perfil humanista de *homo ludens*. Erasmo serve-se da ironia com o intuito de fragilização dos adversários, já Thomas More mantém-se fiel a um gosto

⁴⁸ "Atentando contra as autoridades políticas, intelectuais e até mesmo teológicas, Poggio reivindicou a liberdade de dizer tudo, herdeiro do espírito livre dos republicanos italianos, em particular da república florentina, antes da consolidação do principado dos Médicis. Encontramos esta expressão mais rude algumas vezes nestas colectâneas de 'motti'. Em Bebel, que corresponde ao período fulgurante do humanismo alemão antes das lutas da Reforma, encontramos um equilíbrio entre o jogo gratuito da facétia e certos ataques satíricos contra os religiosos, ignorantes, ricos, entre as facétias emprestadas de Poggio e da tradição italiana", WEBER (1977) 32.

⁴⁹ "a alma da sátira é a perseguição do vício e da virtude, de forma a conquistar o humor como arma", CASAUBON (1976) 288.

britânico do Humor vincando o tom de superioridade⁵⁰: “*Facetia*, after all, can mean a joke, but also a serious anecdote, a ghost story, a riddle, or a moral fable. None of these meanings would have appealed to Cicero; why did his rhetorical *facetiae* continue to appeal to the sixteenth century?”⁵¹. A resposta a esta questão talvez possa estar no mesmo argumento que legitima o humor como condição idónea do Homem seja ele clássico, moderno ou contemporâneo, pois como afirmava Rabelais: *risus proprium hominis*.

II Teorização contemporânea sobre a dimensão pragmática e social do Humor

A teorização contemporânea do Humor divide-o por três teorias mediante o seu âmbito e método de estudo: as Cognitivistas — incongruência e o contraste (Raskin 1985; Kant; Morreal: 1987; Schopenhauer); as Sociológicas — Hostilidade, Superioridade, Escárnio e depreciação e as Psicoanalíticas — Sublimação e libertação (vide Descartes; Freud).

O Humor Político insere-se, claramente, nas teorias Sociológicas, na senda do ideal de superioridade, que os humanistas europeus tanto valorizaram, e concebido segundo as máximas de Interlocução Humorísticas, decalcadas a partir das máximas conversacionais de Paul Grice. As máximas conversacionais de Paul Grice, apresentadas no artigo “Logic and Conversation” em 1967 à Universidade de Harvard, e publicado mais tarde em 1975, revolucionaram o campo da pragmática pelo esforço que empreenderam na explicação do que vai além da verbalização dos enunciados e do que é dito além das palavras: afinal o que está por detrás delas? Este filósofo da linguagem estabelece as máximas conversacionais que devem conduzir a interacção linguística revelando como e quando são infringidas e quais as consequências decorrentes dessa (des)obediência (in)voluntária. Assim, é prioritário fazer com que a contribuição conversacional seja pertinente e adequada ao propósito de intercâmbio — é o chamado Princípio da Cooperação. No entanto, há informações entendidas pelos ouvintes que não sendo expressas ficam implícitas e subentendidas, Grice chamou de implicatura: temos a implicatura convencional, que está presa ao significado literal das

⁵⁰ NÉDONCELLE (1969) 547-567.

⁵¹ BOWEN (2004) 429.

palavras, e ainda a implicatura conversacional que é independente da significação usual das palavras. Segue-se o segundo princípio relacionado com a quantidade da informação que é fornecida: a mensagem deve ser tão informativa apenas quanto necessária. Com este princípio relaciona-se o da qualidade, que se prende com a veracidade dos factos: não se deve afirmar o que não for passível de fornecer evidência, nem tão pouco o que não acreditamos ser verdade. O princípio da relação articula-se com o critério da relevância e constrói-se evitando a obscuridade, ambiguidade, sentidos dúbios e significações ambivalentes. Compreensivelmente, este último é o princípio mais manipulado, otimizado e subvertido nas estratégias humorísticas.

Quanto aos efeitos do humor no processo comunicativo, Salvatore Attardo agrupa-os em quatro categorias operativas: “*social management*” (regulação social), “*decommitment*” (descomprometimento), “*mediation*” (mediação) e “*defunctionalization*” (desfuncionalização)⁵². De forma a comprovar como todos estes pressupostos se articulam e ganham forma no Humor Político, seleccionámos de um *corpus* da Revista Visão, a crónica de Ricardo Araújo Pereira, escrita a 20 de Dezembro de 2013, por honra das cerimónias fúnebres de Nelson Mandela. O mote para a argumentação humorística foram os incidentes de um intérprete gestual esquizofrénico e nesta esteira criaram-se muito outros jogos irónico-satíricos como iremos observar sempre com cariz de invectiva política.

O Humor Político e a Política Humorística

O apartheid existiu?

Quando nos perguntam se vimos o homem que, no funeral de Nelson Mandela, teve o episódio esquizofrénico, a resposta certa é: qual deles?

Quando nos perguntam se vimos o homem que, no funeral de Nelson Mandela, teve o episódio esquizofrénico, a resposta certa é: qual deles? Há o intérprete de língua gestual, claro, mas havia mais esquizofrenia nas cerimónias fúnebres. O mundo inteiro compareceu para prestar homenagem ao homem que, há pouco mais de 20 anos, estava preso. E estava preso, recorde-se, por combater um regime iníquo apoiado por várias potências estrangeiras. Os dirigentes dessas potências, passando por episódios esquizofrénicos mais intensos que o do intérprete, curvaram-se perante o cadáver do homem que ajudaram a manter preso. Membros de governos que lhe chamaram terrorista

⁵² ATTARDO (1994).

afagaram a urna. Outros dirigentes, também vítimas de ataques de esquizofrenia, elogiaram a luta não-violenta de Mandela, fingindo ignorar a sua defesa do combate armado. Racistas e colonialistas de todas as latitudes hastearam bandeiras a meia haste e publicaram mensagens de grande pesar. Utilizadores de blogues, feicebuques e tuíteres, muitos dos quais lamentam diariamente a existência de gente com tons de pele diferentes do seu, prestaram-lhe homenagem publicando fotografias, as datas de nascimento e morte, e promessas de nunca esquecerem o seu exemplo, seja ele qual for. Mandela bateu-se por um mundo mais justo, e fê-lo de tal maneira que aqueles que praticaram durante anos a injustiça desapareceram em apenas 20 anos. Toda a gente teve um encontro privado memorável com Mandela, toda a gente pressionou organismos internacionais, toda a gente o trata por Madiba. Onde estarão todos aqueles que Mandela combateu e que o mantiveram preso durante quase 30 anos? Desapareceram. Mandela fez desaparecer mais gente do que Pinochet. Que sono.

Uma das reacções mais belas que pude escutar foi a da deputada do PSD, Teresa Leal Coelho, que, na hora da morte de Mandela, sublinhou o orgulho que sentia por o ex-Presidente da África do Sul ter casado com uma pessoa de língua oficial portuguesa. Partem os grandes homens e resta-nos a recordação das suas maiores façanhas. Mas Teresa Leal Coelho não tem razões para lamentar durante muito tempo a partida de um grande homem: todos os homens da minha família casaram com mulheres cujo idioma é o português, menos o meu primo Serafim, que casou com uma belga, e por isso não tem a mesma estatura moral que o resto dos Pereiras. Mas, a todos os outros, o matrimónio conferiu perfil de grande estadista⁵³.

III Em tom de conclusão: o Humor nas intermitências da regulação social e de contra-poder

É inquestionável o tom humorístico, irónico-satírico e de escárnio com que a crónica de Ricardo Araújo Pereira se insere nas teorias Sociológicas do Humor, correspondendo a este tom de superioridade e depreciação, numa tensão lógico-argumentativa. Inquestionável é também o alinhamento pelas máximas de Interlocução Humorísticas: revela-se pertinente, relevante, adequado ao espaço e ao tempo da discussão do assunto (com as implicaturas conversacionais referentes ao episódio do tradutor de Língua gestual nas cerimónias funebres de Nelson Mandela) e a informação é necessária e assumidamente verdadeira. O cronista alimenta um humor verbal com todas as ironias, eufemismos, metáforas e ao mesmo tempo, invoca um humor referencial com a caricatura e intensificação de traços, na esteira ciceroniana. O princípio da relação é, de facto, subvertido e manipulado no desfile argu-

⁵³ Ler mais: <http://visao.sapo.pt/o-apartheid-existiu=f762959#ixzz2xAVCfSpg>.

mentativo que se aproxima do absurdo na parte final da crónica, nestas intermitências entre “*la mécanique de l’absurde*” e “*le jeu sémantique*”, em tom aparentemente leve e descomprometido⁵⁴.

O Humor político debruça-se sobre um certo padrão social e histórico-político, na maior parte das vezes como fuga ou resistência a sistemas totalitários nas suas operações repressivas. Victor Raskin alerta, no entanto, para o facto de olharmos para as piadas políticas como o contraste entre um *script* dos líderes políticos como seria suposto serem e entre o *script* daquilo que eles efectivamente são (1985: 222), um modelo preconizado também pelos humanistas nas suas sátiras ao perfil do príncipe ideal.

Podemos identificar quatro critérios que determinam a eficácia e a qualidade do humor: a distância das esferas normativas, o significado dessas esferas, a inteligibilidade do referente e a conclusão ou remate⁵⁵. Atendendo a estes parâmetros, Ricardo Araújo Pereira posiciona-se sem comprometimento com esferas político-partidárias, o referente é acessível, inteligível e incontestável e conclui de forma sempre distanciada do foco político. Este é o cerne da questão, o momento em que se abre um desfazamento entre a crítica política e o entretenimento público, esse deleite e essa *relaxio animi* que os modernos advogavam. Há que convir que a maior parte das intervenções humorísticas em torno do *topos* político se aproximam mais da segunda — de entretenimento público — do que da primeira — de invectiva, tendencialmente mais predisposta para o âmbito de regulação e crítica social do que para a instituição de um contra-poder. É importante referir que Ricardo Araújo Pereira tem, juntamente com mais três elementos, um outro programa na rádio TSF e na televisão SIC notícias chamado: *Governo Sombra*. Reconhecemos que em todos estes espaços o mecanismo de Humor Político é exactamente o mesmo, filtram-se determinados temas de actualidade político-social, que se desmontam com expedientes retóricos de comicidade e sátira mas sem a *auctoritas* de consistirem uma contra-face do poder. David Paletz sugere quatro tipos de humor político relacionados com este sentido de autoridade: *supportive*

⁵⁴ CHARAUDEAU (1972) 63-73.

⁵⁵ BAUSINGER (1980) 140.

(solidário), *benign* (complacente), *undermining* (enfraquecedor) and *subversive* (subversivo) e outros quatro critérios para a construção da sua eficácia: *target* (objectivo), *focus* (foco), *acceptability* (aceitação) and *presentation* (apresentação)⁵⁶.

As crónicas de Ricardo Araújo Pereira como tantas outras, que estão perfeitamente integradas em espaços mediáticos do sistema, correspondem a estas expectativas de distração e entretenimento político mais do que um ideal de crítica mordaz ao sistema. Não chegando a enfraquecer ou a subverter o sistema, apenas são complacentes e solidárias com ele. O Humor tem, de facto, uma potencialidade intrínseca de subversão mas, segundo as autoras Villy e Diana Popa, tem sido cada vez mais instrumentalizado e dotado de um forte carácter amenizador do sistema:

*humour is a conduit for legitimate criticism and can be a conservative force that upholds dominant values and institutions. Many of the empirical studies concentrate on the use of laughter-inducing incongruity and of debating humour in a context where the use of humour is expected to divide the political factions but within an agreed political frame, so that overall such humour reinforces a sense of inclusiveness*⁵⁷.

Em suma, no presente estudo fomos constatando que ao longo da História, o Humor tem estado sempre a par da mundividência política, construindo uma dialéctica seriedade/*facetia* que se alimenta e regenera nela mesma. O Humor Político está ao serviço de um *status quo*, do qual apenas recicla, amplifica, regenera e reforça as visões políticas dominantes, como se se tratasse da outra face da moeda, daí que lhe possamos chamar uma contra-face, uma contra-luz mas talvez não seja o suficiente para se assumir o Humor como um Contra-Poder. Ainda assim, Berthold Brecht afirma que “viver num país onde não há Humor é insuportável mas ainda é mais insuportável viver num país sem a necessidade de ter Humor”.

⁵⁶ PALETZ (1990) 483-493.

⁵⁷ TSAKONA; POPA (2011).

Bibliografia:

- AGARD, Frederick (1983), *Essays in Honor of Charles F. Hockett*. Leiden, Brill.
- APTE, M. L. (1985), *Humor and Laughter: an anthropological approach*. NY and London, Ithaca.
- ARNDT, Ernestus (1904), *De ridiculi doctrina rhetorica*. Typis Kirhhainii Lusatorum, Bonn.
- ATTARDO, Salvatore (1994), *Linguistic Theories of Humor*. New York, Mouton de Gruyter.
- BALDESNSPERGER, F. (1910), *Études d'histoire littéraire*. Paris, Hachette.
- BERGSON, Henry (1983), *O riso: ensaio sobre a significação do cómico*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro, Zahar.
- BILLIG, Michel (2010), *Laughter and ridicule: towards a social critique of humour*. Los Angeles, Sage.
- BORDIEU, Pierre (2005), *Langage and symbolic power*. Cambridge, Polity Press.
- BOWEN, Barbara C. (2004), *Humour and Humanism in the Renaissance*. Great Britain, Ashgate Variorum.
- BOWEN, Barbara C. (1998), "Ciceronian Wit and Renaissance Rhetoric": *RHETORICA* 16.4 (1998) 409-429.
- BOWEN, Barbara C. (1993), "Facétia/sententia/apophtegme: les Divers propos memorables de Gilles Corrozet": *Narrations brèves. Mélanges de Littérature Ancienne offerts à Krystyna Kasprzyk Piotr Salwa et Erva Dorota Zólkiewska*, Varsovie, Tokowi.
- BOWEN, Barbara C. (1984), "Roman Jokes and the Renaissance Prince, 1455-1528": *Illinois Classical Studies* 9 (1984) 137-48.
- BOWEN, Barbara C. (1988), *One hundred Renaissance jokes, An Anthology*. Birmingham, Summa Publications.
- BRACCIOLINI, Poggio (1538), *Facetiae in Poggius Bracciolini: Opera omnia*. Ed. Ricardo FUBINI, Turin, Bottega d'Erasmus, 1964 I, 420-91, edição facsimilada.
- BREMMER, Jan (2005), *A Cultural History of Humour: from antiquity to the present day*. Cambridge, Polity Press.
- CASAUBON, Isaac (1976). "Prolegomena to the Satires of Perseus": *English literary Renaissance* 6 (1976).
- CHARAUDEAU, Patrick (1983), *Langage et discours: éléments de sémiolinguistique: théorie et pratique*. Paris, Hachette.

- CICERO, Quintus Tullius, (1942), *On the Orator*, Book II. E. W. SUTTON and H. RACKHAM (trans.). Cambridge, Loeb Classical Library, Harvard University Press.
- DEMERSON, Guy (1994), *Humanisme et Facétie — quinze études sur Rabelais*. Caen, Paradigme.
- EVARD, Frank (1996), *L'humour*. Paris, Hachette.
- FLASHAR, H. (1997), "Aristoteles, das Lachen und die alte Komödie": S. JÄKEL, A. TIMONEN (ed) *Laughter down the Centuries*. Turku, 59-70.
- GRANT, M. A. (1924), *The Ancient Rhetorical Theories of the Laughable: the Greek rhetoricians and Cicero*. Wisconsin Madison, University of Wisconsin Studies in Languages and Literatures, nº 21
- GRICE, H. P. (1975), "Logic and Conversation": P. COLE and J. L. MORGAN (eds), *Syntax and Semantics*, vol 3. New York. Academic Press.
- GRUDIN, Robert (1969), "Renaissance Laughter: the Jests in Castiglione's Il Cortegiano": *Gioenale storico della letteratura italiana* 146 (1969) 497-529.
- HAURY, Auguste (1955), *L'ironie et l'humour chez Cicéron*. Thèse principale pour le doctorat, Leiden, Brill.
- JOHNSTONE, Barbara (ed.) (2008), *Rhetoric in detail: discourse analyses of rhetorical talk and text*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- KEMPSHALL, Matthew (2012), *Rhetoric and the writing of History 400-1500*. Oxford, Manchester University Press.
- KIÈS, Nicolas. (2014), "Cum Grano Salis: L'apophtegme humoristique dans la seconde moitié du XVIe siècle": *Littératures classiques* 84 (2014) 99-118.
- LEFEBVRE, Joel (1978). "Les Facetiae de Heinrich Bebel": *Réforme, Humanisme, Renaissance* 7 (1978) 36-40.
- LUCK, Georg (1958). "Vir facetus: a Renaissance Ideal": *Studies in Philology*, 55 (1958) 107-21.
- MÉNAGER, Daniel (1995), *La Renaissance et le rire*. Paris, Presses Universitaires France.
- MINOIS, Georges (2001), *Histoire du rire et de la dérision*. Paris, Librairie Arthème Fayard.
- MORGADO, Paulo (2011), *O riso em Bergson: mecanismos do cómico*. Lisboa, Verbo.
- MORIN, Edgar (1986), *La connaissance de la connaissance*. Paris, Seuil.
- MORREALL, J. (ed.) (1987), *The Philosophy of Laughter and Humor*. New York, Albany.

- MOSS, Ann (2002), *Les Recueils de Lieux Communs: Apprendre a penser a la Renaissance*. Genève, Droz.
- MOURA, Jean-Marc (2010), *Le sens littéraire de l'humour*. Paris, Presses Universitaires de France.
- NÉDONCELLE, M. (1969), "L'humour d'Érasme et l'humour de Thomas More": J. COPPENS (ed.), *Scrinium Erasmianum*, vol II. Leiden, 547-567.
- PALETZ, David (1990), "Political Humor and Authority: from support to subversion": *International Political Science Review* 11 (1990) 483-493.
- PRESCOTT, Anne Lake (1999), "Humour and satire in the Renaissance": *The Cambridge History of Literary Criticism*. Vol. 3: *The Renaissance*, edited by Glyn P. NORTON, 284-291.
- RASKIN, Victor (1985), *Semantic Mechanisms of Humor*. Boston, Dordrecht.
- RASKIN, Victor (2008), *The primer of humor research*. New York, Mouton de Gruyter.
- ROMANO, A. (2001), "Humor y discurso político": *Phaos* 1 (2001) 159-169.
- ROSS, Alison (1998), *The language of Humour*. London, Routledge.
- RUCH, Willibald (2008), "Psychology of Humor": *Humor Research*. Berlin / NY, Mouton de Gruyter.
- SAUVY, Alfred (1998), *The language of Humour*. London, Routledge.
- SCHULTZ, T. (1976), "A Cognitive—Developmental Analysis of Humor": *Humor and Laughter: Theory, Research and Applications*. New York, Tony CHAPMAN and Hugh FOOT (eds.), Wiley, 12-13.
- SCHUTZ, Charles (1977), *Political Humor*. London, Rutherford Fairleigh Dickinson University Press.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1993), "A Literatura de Sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*": *Actas do Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, 377-410.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1990), "Um ideal humano: Política e Pedagogia no Renascimento Português": *Separata da Humanitas*, Coimbra, 121-155.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1994), *O Príncipe Ideal do século XVI – a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (2004), "As Vias de Invenção no Renascimento. Gênese do Discurso Literário": *Humanismo para o nosso tempo, homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, Lisboa.

- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1998), “Retórica, política e ideologia: a literatura parenética e pedagógica no Quinhentismo português”: *Actas do II Congreso Internacional Retórica, Política e ideologia desde la Antigüedad hasta nuestros días*. Salamanca, 69-74.
- SPECK, Paul Sergi (1987), *On Humor and Humor in Advertising*. Texas, PhD Dissertation University of Texas.
- STEIN, Mary Beth (1989), “The Politics of Humor: The Berlin Wall in Jokes and Graffiti”: *Western Folklore* 48.2 (1989) 85-108.
- TSAKONA, Villy Tsakona, POPA, Diana Elena (2011), *Studies in political humour: in between political critique and public entertainment*. Amsterdam, Benjamins Publishing.
- VEISSID, Jacques (1978), *Le comique, le rire et l’humour*. Paris, Lettres du Monde, Paris.
- WEBER, Henri (1977), “La facétie et la littérature facétieuse au colloque de Goutela”: *Bulletin de l’Association d’étude sur l’humanisme, la réforme et la renaissance* 6 (1977) 28.
- ZALL, P. M. (1963), *A Hundred Mery Tales and other sixteenth-century jestbooks*. Lincoln, University of Nebraska Press.
- ZIJDERVELD, A. C. (1983), “The sociology of humour and laughter”: *Current Sociology: la sociologie contemporaine* 31.3 (1983) 1-103.

* * * * *

Resumo: Platão é o primeiro teórico do Humor mas é Cícero quem apresenta a primeira tentativa de categorização do discurso humorístico, rentabilizada por muitos estudiosos, que desenvolveram o princípio de superioridade do Humor, enquanto estatuto de correcção e regulação sociais: *ridendo castigat mores*, dizia Voltaire, na esteira horaciana: *ridentem dicere verum*. Os humanistas europeus re-pensaram o *risus* não só como traço integrante da *humanitas* mas na sua função social de problematização das complexidades de um *homo ludens*. As teorizações contemporâneas apresentam máximas de Interlocução Humorística, explorando as técnicas semântico-pragmáticas da comunicação, entre “*la mécanique de l’absurde*” e “*le jeu sémantique*”.

Palavras-chave: Retórica Humorística; Humanismo Europeu; humor político; Cícero; *facetiae*.

Resumen: Platón es el primer teorizador del Humor, pero es Cicerón quien intenta categorizar por primera vez el discurso humorístico, tentativa que supieron rentabilizar muchos estudiosos que desarrollaron el principio de superioridad del Humor en su calidad de corrector y regulador sociales: *ridendo castigat mores*, decía Voltaire en la estela del horaciano *ridentem dicere verum*. Los humanistas europeos repensaron el *risus* no solo como rasgo integrante de la *humanitas* sino en su función social de problematización de las complejidades de un *homo ludens*. Las teorizaciones contemporâneas presentan máximas de Interlocución Humorística, sacando partido de las técnicas semântico-pragmáticas de la comunicación, entre “*la mécanique de l’absurde*” y “*le jeu sémantique*”.

Palabras clave: Retórica Humorística; Humanismo Europeo; humor político; Cicerón; *facetiae*.

Résumé: Bien que Platon ait été le premier théoricien de l’Humour, ce fut, néanmoins, Cicerón qui présente la première tentative de catégorisation du discours humoristique, exploitée par un grand nombre de spécialistes qui développèrent le principe de supériorité de l’Humour, en tant que statut de correction et régulation sociales: *ridendo castigat mores*, affirmait Voltaire, sur les pas d’Horace qui, lui, attestait: *ridentem dicere verum*. Les humanistes européens revinrent sur le *risus*, non seulement en tant que caractéristique intégrante de l’*humanitas*, mais aussi sur sa fonction sociale de problématisation des complexités d’un *homo ludens*. Les théories contemporânes présentent des maximes d’Interlocution Humoristique, en explorant les techniques sémantico-pragmatiques de communication, entre “*la mécanique de l’absurde*” et “*le jeu sémantique*”.

Mots-clés: Rhétorique; Humanisme Européen; humour politique; Cicerón; *facetiae*.